

**ENSINO, ARTES VISUAIS E FORMAÇÃO DOCENTE EM MOVIMENTOS
METODOLÓGICOS**

**DOCENCIA, ARTES VISUALES Y FORMACIÓN DE PROFESORES EN
MOVIMIENTOS METODOLÓGICOS**

**TEACHING, VISUAL ARTS AND TEACHER TRAINING IN
METHODOLOGICAL MOVEMENTS**

Recebido em: 23/11/2020

Aceito em: 31/12/2020

Carmen Lúcia Capra¹

Luana da Silva²

Ariberto de Farias Bauermann Filho³

Mayra Corrêa Marques⁴

Resumo: O artigo parte de um encontro entre egressos, estudantes e professora da Graduação em Artes Visuais - Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul em uma aula remota de um componente desse curso. A reflexão observa os movimentos metodológicos decorridos do ensino remoto universitário e escolar e pretende repensar as condições de existência de um ensino que gere aprendizagens tendo cuidado aos diferentes modos de existir com e a partir da arte no momento atual e no futuro próximo. No exercício coletivo de pensamento, pois a escrita é compartilhada entre a professora, egressas e egresso do curso, esboçam-se relações entre algumas produções da turma, a docência na escola e na universidade e subsídios teóricos do componente, especialmente a desobediência à linguagem, por Carlos Skliar, e as pedagogias das encruzilhadas, por Luiz Rufino Rodrigues Junior. Estes e demais autoras e autores ativaram um senso de urgência no reposicionamento requerido pelo distanciamento social exigido pela pandemia, subsidiando o pensamento final: o ensino remoto acelerou algumas pistas para o urgente movimento metodológico, não se pode abrir mão de um senso de humanidade na educação institucionalizada e precisam ser abertos os protocolos e as linguagens que nos conformam e colonizam.

Palavras-chave: Licenciatura; Artes Visuais; Docência; Ensino Remoto; Metodologias.

Resumen: El artículo parte de un encuentro entre egresados, estudiantes y una profesora de la Graduación en Artes Visuales - Licenciatura de la Universidad Estatal de Rio Grande do Sul en una clase remota de un componente de este curso. La reflexión observa los movimientos metodológicos resultantes de la educación universitaria y escolar remota y desea repensar las

¹Doutora em Educação, vínculo institucional: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – Uergs.E-mail: carmen-capra@uergs.edu.br

² Licenciada em Artes Visuais, pesquisadora independente. E-mail: ls95.luana@gmail.com

³ Mestrando em Educação, vínculo institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: aribertofilho@hotmail.com

⁴ Mestranda em Educação, vínculo institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: mayra.cmarques@hotmail.com

condiciones para la existencia de una enseñanza que genere aprendizajes, teniendo cuidado con las diferentes formas de existir con y desde el arte en el momento presente y en el futuro cercano. En el ejercicio colectivo del pensamiento, como la escritura se comparte entre el docente y egresados del curso, se perfilan relaciones entre algunas de las producciones del grupo, la docencia en la escuela y la universidad y los subsidios teóricos del componente, especialmente la desobediencia al lenguaje, de Carlos Skliar, y las pedagogías de la encrucijada, de Luiz Rufino Rodrigues Junior. Estos y otros autores activaron un sentido de urgencia en el reposicionamiento que exige la distancia social que requiere la pandemia, subvencionando el pensamiento final: la educación a distancia ha acelerado algunas pistas del urgente movimiento metodológico, no se puede renunciar al sentido de humanidad en la educación institucionalizada y los protocolos y lenguajes que nos configuran y colonizan necesitan ser abiertos.

Palabras-chaves: Licenciatura; Artes Visuales; Docencia; Enseñanza A Distancia; Metodologías.

Abstract: The article starts from a meeting between graduates, students, and a professor of the Visual Arts Graduation – Teaching degree from the State University of Rio Grande do Sul on an online class of a component of this course. The reflection observes the methodological movements resulting from university and school remote learning and intends to rethink the conditions for the existence of teaching that generates learning, taking care of the different ways of existing with and from art in the present moment and in the near future. In the collective exercise of thinking, as writing is being shared among the teacher, graduates, and graduates of the course, relationships are outlined among some of the group's productions, teaching at school and university, and theoretical subsidies of the component, especially disobedience to language, by Carlos Skliar, and the pedagogies of crossroads, by Luiz Rufino Rodrigues Junior. These and other authors activated a sense of urgency in the repositioning required by the social distance required by the pandemic, subsidizing the final thought: remote learning has accelerated some clues to the urgent methodological movement. It is not possible to give up on a sense of humanity in institutionalized education and there is the need to rethink the protocols and languages that shape and colonize us.

Keywords: Teaching Degree; Visual Arts; Teaching; Remote Teaching; Methodologies.

INTRODUÇÃO

A partir do encontro entre egressos, estudantes e professora da Graduação em artes Visuais - Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), apresentamos considerações sobre educação, arte e ensino remoto em torno do componente curricular Metodologia e Prática de Ensino em Artes Visuais II (séries finais do Ensino Fundamental e EJA), ministrado remotamente entre junho e agosto de 2020⁵. A adesão a essa modalidade de ensino acatou as determinações da instituição universitária para a retomada do primeiro

⁵ Metodologia e Prática de Ensino em Artes Visuais II (séries finais do Ensino Fundamental e EJA) é uma disciplina do terceiro semestre da Graduação em Artes visuais da Uergs - Montenegro. A matriz curricular está disponível em: <https://uergs.edu.br/artes-visuais-licenciatura>.

semestre letivo, mediante as condições de distanciamento social decorrente da pandemia por coronavírus.

Este trabalho transita entre o que foi produzido pelo encontro de licenciandos com egressos da mesma graduação, além de ir e vir entre formação docente, metodologias de ensino e docência em Arte na condição de distanciamento social. Buscamos observar os movimentos metodológicos produzidos pelo ensino remoto justamente em um componente curricular destinado a trabalhar com metodologia e prática de ensino em artes visuais⁶. Temos em vista, ainda, apurar algumas questões metodológicas em relação ao ensino escolar em artes visuais feito remotamente, visando repensar as condições para um ensino que produza aprendizagens e modos de existir com e a partir da arte no momento atual e no futuro próximo.

Como contribuição a esses exercícios de pensamento, esboçamos relações com ideias que subsidiaram os estudos propostos no componente, como a desobediência à linguagem (SKLIAR, 2014) e a pedagogia das encruzilhadas (RODRIGUES JUNIOR, 2019). Pelas inadiáveis condições do presente, buscamos aproximações com autoras e autores que possam abalar a nossa familiaridade de algumas posturas em educação e arte, adquiridas antes do que está sendo vivido. O texto ainda é habitado por imagens criadas no semestre letivo para que convoquem o pensamento no cruzamento com a escrita e pela sua própria maneira de ser.

Existe a sensação de caminhar no campo de conhecimento ao qual nos dedicamos, artes visuais e educação, mas onde são solicitados outros sentidos, tanto nas direções, quanto nos significados. Em uma comunidade formada entre agentes da universidade e da escola pelo inédito desse tempo, buscar desejos comuns adquire um sentido político, funda um ethos, uma ética (AGAMBEN, 2013).

⁶ As autoras e autor do texto são, respectivamente, professora, egressas e egresso da Graduação em Artes Visuais - licenciatura da Uergs, atualmente docentes e estudantes de pós-graduação.

IMAGEM 1 - CARTA VISUAL



Fonte: Jennifer Haag⁷, 2020.

A atitude metodológica que atravessa esse texto é a que inicialmente mobilizou o trabalho proposto à turma, propondo-se a um “vai e volta” entre as bases de estudo, o impacto do contexto pandêmico na docência em formação e o engajamento com o componente Arte⁸ desenvolvido em escolas. O caráter da metodologia buscou oportunizar que o imaginário pedagógico se abrisse às transformações que a atualidade está expondo e exigindo para o ensino escolar em artes visuais, a fim de reposicioná-lo frente a tais exigências.

IMAGINAR, ENCONTRAR, ACOLHER

⁷ As autoras das imagens permitiram o seu uso.

⁸ Conservamos o foco em artes visuais.

Uma das situações de formação desenvolvidas, colocou em contato a turma de “Metodologia II” com egressas e egressos do mesmo curso e universidade. Atuando como docentes de Arte em escolas ou estudantes de pós-graduação⁹, hoje suas atividades ocorrem totalmente mediadas por tecnologias digitais.

Para subsidiar um encontro virtual por videoconferência, fizemos um exercício de imaginação sobre como poderia ser aquela reunião. Primeiramente, o ambiente virtual do componente foi acessado na plataforma Moodle, a fim de observar o funcionamento metodológico, os materiais elaborados para estudos e práticas e as produções da turma. Após reunir impressões sobre aquele continente e seu conteúdo, elaboramos um conjunto de questões a partir do contexto educativo e formativo em torno da arte na escola e na universidade. Contrastamos a educação em artes visuais de antes e durante o ensino remoto pelas perspectivas docente e estudantil, fortemente acometidas pelas dificuldades de acesso às redes de comunicação digital e pela conformação enrijecida dos papéis de “aluno” e “professor”, seja na academia, seja na escola.

A primeira questão elaborada para o encontro foi: “como seria se adotássemos outra perspectiva para ‘escola’? Em vez de ser a obrigação da lei ou um preparo para entrar no mundo do trabalho, como seria ‘praticar escola’ como um organismo vivo, produtor de aprendizagens e de vidas?” Se essa proposição fizer sentido para a escola regular, presencial, em segundo lugar perguntamos: “seria possível praticar um organismo vivo, produtor de aprendizagens e de vidas na escola em modalidade remota?” Em terceiro lugar, colocamos ainda outra questão: “fazendo sentido para a escola, é possível que a formação docente em artes visuais na universidade seja um organismo vivo, produtor de aprendizagens e de vidas, na modalidade remota?”

Adentramos em questões assim para movimentar o pensamento frente a todos os obstáculos que o momento impôs às nossas vidas. As adversidades da vida daqueles dias propiciaram a atmosfera do exercício, como a diminuição ou perda de renda e a imperativa exposição à contaminação de quem não teve a opção do teletrabalho. Não adiamos falar no adoecimento gerado pelo confinamento, nas relações nos grupos de convívio ininterrupto e intensificado e nos modos como essas condições incidem em professoras e professores, alunas e alunos, escola e universidade. Desistência, silêncio, cansaço, dispersão, irritação,

⁹ Autor, Autora, Iury de Mello Araujo e Autora pesquisam na linha Educação e/em Artes Visuais do Grupo Flume (Uergs-CNPq), sob coordenação de Autora.

empobrecimento e solidão são indícios da interrupção daquilo que as instituições de educação produzem para além do mero ensino. São itens de natureza e valor que ultrapassam todo utilitarismo e produtividade, hoje muito propagandeados como soluções que avaliamos desconsiderarem o campo ao qual se dirigem.

Além disso, aventamos que a interrupção do ensino presencial tenha exposto algumas fragilidades das relações de ensino e aprendizagem institucionalizadas. Ocorre-nos pensar sobre o distanciamento da educação escolar e universitária em relação à “vida vivida”, acionando para isso a potência cognitiva dos cuidados, conforme propõe Antonio Lafuente (2020). Sendo aqueles que têm a ver com práticas relacionadas à manutenção ou à reparação da vida, algo simplesmente é comum a todas as pessoas, o cuidado como uma potência cognitiva leva a compreender que o período de incertezas na educação pode ser uma oportunidade ímpar para aprender e escutar maneiras de se aproximar da realidade (LAFUENTE, 2020) no exercício ou na formação docente em artes visuais.

Dentre os movimentos metodológicos observados, foi importante a escrita de cartas desde a abertura do semestre. Com a domesticidade entranhada na vida acadêmica de hoje, abrir um semestre naquela condição tinha mais a ver com narrar uma experiência do que com formalizar o início de um componente curricular. O gesto epistolar de quem faz uma remessa para alguém atribuiu sentidos para o confinamento, para educação em artes visuais e para a docência, conectando tudo o que talvez estivesse isolado demais.

IMAGEM 2 - IMAGEM CRIADA A PARTIR DA CARTA DE ABERTURA DO SEMESTRE



Fonte: Autora, 2020.

Adotar as cartas talvez tenha sido um outro modo de viver tempo e o estudo, conectando angústias, descobertas e dedicação a alguém para além e apesar da conexão do sinal de internet. O estudo impessoal e afastado que era feito nas aulas anteriores, nesse momento, pode ser outra coisa.

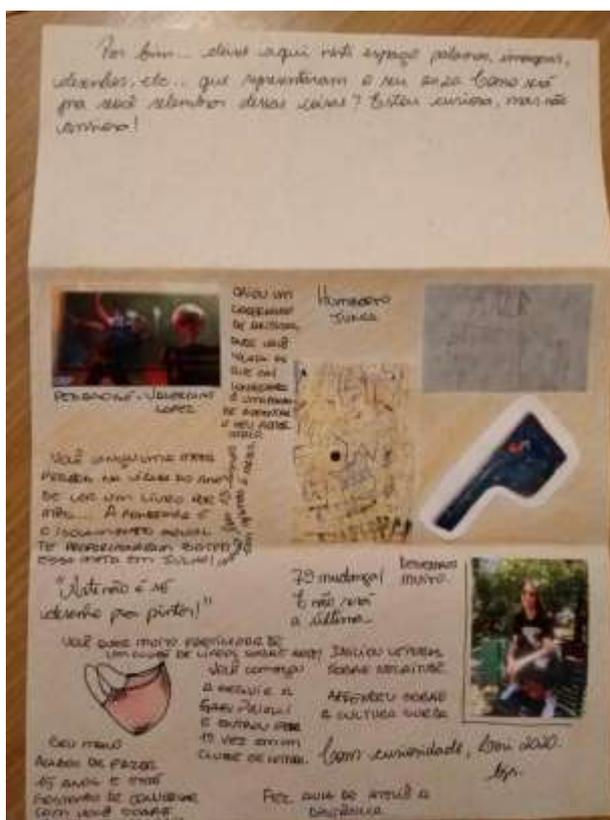
Como a primeira e a segunda avaliações do semestre¹⁰, as cartas tiveram uma importância singular. A proposta consistiu em criar uma carta em qualquer linguagem (escrita, vídeo, quadrinhos, áudio, etc.) e em qualquer materialidade (papel reciclado, tecido antigo, vídeo, etc.) para um destinatário ficcional ou sorteado, abordando assuntos tratados na disciplina. Se elementos da carta e a forma de envio podiam ser ficcionais ou não convencionais, não seriam descolados ou gratuitos: adotariam a experimentalidade contextualizada no estudo e na prática da formação docente em artes visuais nas condições do presente.

Foram criadas e compartilhadas cartas em diferentes linguagens e materialidades, que geraram múltiplas experiências de convívio e produziram uma sobreposição de tempos e de espaços. Teve carta escrita à mão, tatuada, narrada em vídeo, em áudio, em imagens, entre outros formatos, que mobilizaram diferentes exercícios de pensamento sobre educação e arte em diálogo com o momento político e pandêmico:

¹⁰ O primeiro semestre na Uergs ocorreu de forma condensada entre junho e agosto de 2020.

Como recomendação médica, devemos aderir ao isolamento social (esse que o próprio presidente não respeita), o que acabou impossibilitando também nossas aulas presenciais. Agora estamos experimentando novas formas de ensino e aprendizagem. Creio que aí no seu tempo algumas delas já foram até incorporadas. [...] A arte acompanha o seu tempo. A arte é política. Arte é história. Lembra de como você amava as aulas de artes? Lembra que você teve poucas aulas? Você também lembra de como fez falta... Hoje você entende a importância de ter arte na escola. (Trecho da carta de Lorian Jung, 2020).

IMAGEM 3 - CARTA PARA LORI QUANDO SE FORMAR



Fonte: Lorian Jung, 2020.

Na troca de cartas, estiveram presentes os abalos do contexto atual e como atingiram as metodologias, as aprendizagens, as relações com as artes visuais e a construção de coletividades em tempos de individualização. Temos acompanhado uma constante oferta e procura por cursos online que dizem ensinar de modo “individual, rápido e fácil” o que o estudante/aprendente/consumidor/cliente quiser, como se as instituições e os professores fossem apenas prestadores de serviços (BIESTA, 2013). Mais do que isso, é como se o estudante necessariamente soubesse o que e como deseja aprender.

Está em voga um modo de compreender a linguagem da aprendizagem como algo fácil, rápido e indolor, como se aprender meramente fosse um produto a ser consumido e acumulado.

Porém, essa noção gera determinadas expectativas que acabam sendo uma ameaça ao profissionalismo de professoras e professores. No caso de cursos de licenciatura, a diluição da responsabilidade com a profissão se instala, assim, desde a formação docente. Conforme for concebida e realizada, a formação feita através da internet impacta o modo como docentes e estudantes se relacionaram, se relacionam e seguirão se relacionando com e no ensino remoto.

A partir das experiências vividas no componente curricular Metodologia e Prática de Ensino em Artes Visuais II, desde a troca de cartas até a interação nos fóruns do Moodle, podemos perceber que é possível uma formação que faça outra construção para ensinar e/ou aprender que não seja aquela “rápida, fácil e indolor”. Diferente disso, que adote tempos e entrelaçamentos consistentes e transformadores com e a partir das existências e de uma vida de formação que seja comum. Também percebemos como é ilusória a noção de que docentes e estudantes precisam dar conta de uma totalidade, como se fosse possível ensinar e aprender tudo sobre determinado assunto. E, mais do que isso, como se a educação dependesse da harmonia, do consenso e de certos modos/moldes de “ser professor(a)” e “ser aluno(a)”. O ensino remoto emergencial escancarou não apenas algumas das nossas fragilidades, mas também algumas fragilidades do sistema educacional brasileiro, que já anda adoecido há tanto tempo.

No componente curricular, notamos como o mundo pandêmico que se impôs colocou a professora e os estudantes em uma condição de recomeço, de comunização (fazer comum) para revelar o mundo (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014). Mas o que foi possível fazer em comum diante de uma condição tão delicada para a saúde física e mental de todos e mediante a restrição de recursos? Uma série de coisas, como: pensar sobre o ensino em arte em diferentes abordagens teóricas, conhecer e refletir sobre as especificidades da Educação de Jovens e Adultos e elaborar alternativas metodológicas para o ensino em artes visuais em preparação para o retorno às escolas, pensando todas essas questões em relação ao ensino em arte e em tensionamento com o panorama atual. Além disso, foi possível nutrir relações horizontais entre docente e estudantes, que descobriram juntos o que o corpo pode na virtualidade, inventando estados de presença remotos, síncronos e assíncronos (palavras que entraram com força em nosso vocabulário em 2020).

Do que observamos, a formação docente em arte foi pensada no fluxo do acontecimento pandêmico, levando em consideração o que somos capazes de produzir com o corpo, o tempo e o espaço que possuímos hoje, no mundo que nos é comum. Um mundo repleto de dúvidas e

impermanências, num contexto social e político de muita desesperança. Ao escrever as cartas, a professora e os alunos elaboraram sobre seus anseios, desejos, perguntas e memórias, produzindo uma rede de cuidado e de partilha. Nessa rede, embora a formação docente tenha sido o motivo que ocasionou os encontros, o que predominou foi uma força de manutenção da vida. A construção da turma na partilha final sobre as suas estratégias de estudo remoto motiva a pensar no ensino que fazíamos e como podemos construí-lo daqui por diante¹¹:

Tomar a energia que vem da colega, um encorajamento, período de produzir com generosidade, ter “dentro”, embora haja complicações da união entre educação e arte, acrescentar novos autores ao já estudado para outras-novas relações, semestre de emoções, “o Moodle não vai ficar mudo”. Cruzar os referenciais com a experiência real da escola (as regras com a materialidade do presente), observar como novos interesses vão surgindo com o estudo, explorar novos sentidos para uma palavra, observar como é o próprio funcionamento de estudo (horários, condições, incentivos).

Explorar, expandir um tema de hoje como um conteúdo de ensino, pensar na forma como alunos receberiam as atividades (pensar no e com o outro), oferecer as proposições criadas para que pessoas as realizem para observar o funcionamento das atividades, praticar o que (nos planos de aula) ficaria apenas escrito.

Lidar com a vida e com as suas imposições mediante o ensino remoto, dentro do possível as noções foram sendo construídas, fazer anotações pontuais, acompanhar o modo como colegas encontram soluções metodológicas e recursos de ensino, perceber os próprios engessamentos metodológicos.

Tensão inicial e intensidade no final, abertura de outros campos (até a partir do mesmo assunto!), experimentar o vazio do final, importância da formação-funcionamento em grupos para propiciar confiança e firmeza, fortalecimento. (Trechos da elaboração coletiva da turma de Metodologia e Prática de Ensino em Artes Visuais II - Séries Finais do Ensino Fundamental e EJA ao final do semestre, 2020).

No ensino remoto escolar as questões metodológicas também transbordaram, principalmente no componente curricular Artes Visuais. O ensino remoto mudou completamente a maneira das relações escola-docente-estudante, pois as ligações existentes sofreram e sofrem consideráveis oscilações na comunicação, na banda larga, nos afetos e nas metodologias. Os movimentos que se impuseram deslocaram a aula que estava presente “dentro” da sala de aula, aquela que atende ao modelo expositivo com referências a artistas eurocêntricos e de maioria masculina branca. Por conta da nossa atuação em escolas, dando aulas ou acompanhando estágios, essa conhecida aula muitas vezes era oferecida para alunas e

¹¹ Mantivemos a escrita da síntese realizada pela professora e pela turma, compartilhada no último e-mail coletivo (31 de agosto), fazendo seu modo de ser vibrar junto ao semestre incomum.

alunos que moram no interior do Rio Grande do Sul, nas imediações de Montenegro e de Porto Alegre, onde transitamos.

A escola possível, hoje, tornou necessário trocar os artistas de longe pela arte que está presente dentro de casa, na sala, no quarto ou até mesmo na cozinha. Com isso, a produção de aprendizagens tomou modos de existir preexistentes, mas que estavam ausentes das salas de aula escolares. A casa tornou-se um laboratório de ensino com os utensílios domésticos, os computadores, os celulares e demais objetos, espaços e pessoas. No ensino escolar e remoto de Arte, vivamente se faz a arte presente. Sendo assim, podemos atentar para as fissuras trazidas com a arte pequena, não aquela de larga escala, aquela que dança com a vida caseira, com as pessoas próximas e, principalmente, com a força criadora.

Assinalamos que no ensino em Arte é frequente testemunharmos um esquecimento da curiosidade, da arte que se faz viva e presente na sala de aula, visto que muitas vezes vislumbra-se a Arte dos Artistas, mas não os movimentos proporcionados com a arte nas/pelas aulas. Em conformidade com o que sinalizava Ivone Richter há exatos 20 anos, a tendência no ensino das artes visuais ainda tem sido a de reproduzir conceitos modernistas de arte, estes ainda largamente aceitos no meio acadêmico. Este enfoque exclui as artes chamadas "menores" e, com a invisibilidade do estético que constitui e dá sentido a diversos fazeres da vida (RICHTER, 2000), toda a possibilidade de um trabalho aberto e intercultural em arte se desfaz.

Visando abrir e transfigurar o contexto do ensino em artes visuais na educação básica, encontramos sentido em pulverizar os conteúdos na experiência vivida neste ano e disso sucederam sobreposições, mesclas, concentrações, adensamentos, contradições (CAPRA, 2020) que não teriam existido no contexto "normal". Essa postura permitiu dar relevo para micro-resistências e culturas periféricas na sala de aula e em casa e possibilitou fazer o cruzamento entre a casa e a escola. A casa detém os afetos e as coisas que pertencem ao cotidiano, a escola é provida também de afetos, de coisas e de saberes institucionalizados. O ensino remoto veio cruzar uma com a outra, mas também colocou o ensino institucionalizado na encruzilhada.

Nas pedagogias das encruzilhadas de Luiz Rufino Rodrigues Junior (2018), encontramos que à educação, esse fenômeno imbricado entre vida, arte e conhecimento, cabe a produção de respostas responsáveis que reinventem os seres e, conseqüentemente, o mundo. Em culturas consideradas periféricas, assim, buscamos contatar a força gerada pelo que é cruzado, uma vez que

As encruzilhadas são campos de possibilidades, tempo/espaço de potência, onde todas as opções se atravessam, dialogam, se entroncam e se contaminam. Uma opção fundamentada em seus domínios não versa, meramente, por uma subversão. Dessa forma, não se objetiva, meramente, a substituição de uma perspectiva por outra. A sugestão pelas encruzilhadas é a de transgressão, é a *traquinagem* própria do signo aqui invocado. (RODRIGUES JUNIOR, 2018, p. 75-76. Grifo do autor).

As pedagogias das encruzilhadas tomam como sujeito operativo Exu como o fundamento que substancia e cruza toda e qualquer possibilidade. Exu não tem previsão, ele nega toda e qualquer condição das verdades, pois como não existe para elas, é livre para manifestar-se como possibilidade.

Quando reconhecemos a tendência de afirmar unicidades no ensino/aprendizagem de Arte e recusamos manter restrições¹² na nossa prática educativa em artes visuais, torna-se possível o estudo pelas forças do cruzamento entre arte, escola e casa. Acompanhamos as atividades de Arte contaminarem-se entre o cotidiano, as coisas e os saberes da casa e escola, talvez como a encruzilhada que se impôs a todas as pessoas. Trata-se de experienciar uma outra metodologia no momento que está aberto para o encruzamento, para pensar no termo empregado por Rodrigues Junior (2018), em perspectivas que fogem do conhecimento institucionalizado, acadêmico.

Desse modo, o ensino em artes visuais inicia uma mudança de processos, visto que as artes têm mais flexibilidade para fazer o deslocamento de lugares originais, incluindo o seu, viabilizando o questionamento de processos metodológicos (APPEL, 2015). Janice Appel (2015), em seu trabalho poético e teórico, aponta que jardins podem ser propostas que reinventam o cotidiano, fazendo surgir novos espaços de colaboração, renovando nossas práticas em constantes transversalidades. Tendo Arte em casa, arriscamo-nos a olhar para as micro-resistências e convivências a partir do jardim ou das plantas que temos ou não em nossas casas, fazendo um percurso relacional:

O que faz um artista e pesquisador de arte em um jardim? Tanto o artista quanto o jardineiro devem promover práticas relacionais que gerem processos autônomos e de colaboração, buscando reorientar sua prática, para caminhos que ampliem o olhar para um processo de transbordantes e novas trocas intersubjetivas [...] A arte pode deslizar entre os diferentes campos e espaços do saber e do conhecimento, tornando-se possível em transversalidade junto a diferentes áreas, trazendo à tona novas formas de pensar, olhar, perceber, estar, entre outras definições que definam nossos conceitos operatórios. (APPEL, 2015, p. 4).

12 Com “recusa a restrições” queremos dizer que o ensino em artes visuais pode alargar suas margens para além do campo definido pelo campo artístico e sua racionalidade (CAPRA, 2017).

Em uma das escolas onde atuamos, foi criado imagetivamente um jardim na encruzilhada: a aula remota cruza a aula que estava na sala de aula e gera uma aproximação com a vida. O inusitado encruzamento trouxe as pessoas do convívio social para a aula e também para a feitura coletiva da arte e do ensino de arte, antes impensáveis para o uso do tempo e do espaço escolar. O jardim é composto por micro-resistências acerca da Arte, como exercícios que fazem a casa espaço de experimentações com o Exu e suas esperanças. Como as colagens de embalagens utilizadas numa atividade, o movimento proposto nas composições busca questionar as atuais práticas ambientais, considerando a quebra da estética visual pelos materiais e a feitura de um exercício com elementos ordinários.

IMAGEM 4 - TRABALHOS REALIZADOS REMOTAMENTE COM TURMAS DO 6º ANO AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE ESTADUAL, NA CIDADE DE PAROBÉ-RS



Fonte: Autor, 2020.

Em um ano excepcional, em que a escola precisou encontrar outros meios de existir, foi necessário repensar as condições de ensino e desenvolver outras formas de produzir conhecimento. Dessa forma, voltar-se à casa, ao ambiente da vida cotidiana, foi tanto a restrição, quanto a possibilidade para desenvolver outros aprendizados e manter, ou criar vínculos afetivos entre estudante, escola e docente. Nesse contexto, as aulas de arte foram tendendo a um espaço de exploração e descoberta, movimento realizado em estado de mais igualdade entre estudantes e docente, pois ambos encontram-se em casa e aquele passou a ser o espaço comum de estudo e criação.

Para Carlos Skliar “Educar é colocar no meio. Entre. Fazer coisas, juntos, entre nós e entre outros” (2014, p. 119). Ainda que remotamente, observamos ocorrer um fazer comum que pode abrir uma brecha para que as descobertas partilhem de uma igualdade. Esse movimento, mesmo que tenha a face individual, gera lugares e aproximações diferentes das anteriores condições de ensino quando nós, professoras e professor, nos vemos exercitando e estudando junto com nossos alunos.

Nesse cenário, como não assolar ainda mais a frágil condição da nossa vida? E como atuar remotamente sem repetir os aniquilamentos tradicionais à linguagem da educação escolarizada? É possível tecer uma conversa com os outros “na igualdade mais generosa do início e na ternura mais extrema e intensa de nossas diferenças?” (SKLIAR, 2014, p. 147). O encontro entre o ensino remoto escolar e acadêmico propiciou o questionamento, o debate e o exercício de possibilidades metodológicas para pensar a escola e a formação docente na universidade, não apenas durante o período de ensino remoto, mas a partir desse momento.

Linguagem “é totalidade, ambivalência, contradição” (SKLIAR, 2014, p. 18). O que é proposto como ensino regular, como ensino remoto, como formação docente em artes visuais na universidade e ensino-aprendizagem em arte na escola, quando são adensados pelas contradições que se impõem, fortemente sugerem a ideia de uma difícil, inevitável e necessária travessia. A travessia da linguagem pressupõe “sair para encontrar o mundo, permanecer para narrá-lo” (SKLIAR, 2014, p. 19). Talvez esse texto seja a tentativa de sair de um mundo, mover-nos no desconhecido e narrar¹³ esse “novo acontecido” no ensino remoto em artes visuais durante a pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reunimos e apresentamos considerações feitas no transcurso das aulas remotas escolares e universitárias, entendendo que os modos como foram afetadas as relações individuais e coletivas, bem como os movimentos metodológicos em educação e arte, levam a repensá-los. Não buscamos relatar experiências individuais ou como reencontramos alguma

¹³ Temos como ideia de fundo “O Narrador”, de Walter Benjamin.

essência perdida. Nosso intuito é compartilhar algumas aberturas e avivamentos que vieram da reunião das nossas práticas docentes.

Descrever a dispersão e as sobreposições de tempos e espaços produzidas pelo contexto pandêmico e expor o funcionamento do ensino remoto em artes visuais são contribuições ao panorama da educação. Do mesmo modo, observar como tais abalos atingiram as metodologias, as aprendizagens, as relações com as artes visuais e a construção de coletividades em tempos de individualização e isolamento é muito importante para questões que ultrapassam o sucesso da educação institucionalizada.

Observamos um emparelhamento contextual inédito das docências escolar e universitária, na qual a invenção exigida pelo ensino remoto movimentou metodologias, mas com significativas revisões. É certo que viver com outros na escola e na universidade é algo insubstituível e não negociável, porém a interrupção do ensino presencial também expôs enfaticamente alguns pontos críticos das relações de ensino e aprendizagem institucionalizadas. As metodologias acostumadas já não tiveram a legitimidade silenciosa de antes, porque perderam o sentido em processos educativos remotos feitos entre pessoas em perigo de contágio, de isolamento e de empobrecimento.

Algumas políticas do conhecimento precisaram ser desestabilizadas, levando-nos a admitir e mover cânones herdados tanto pelo campo da arte, quanto da educação em arte. Por exemplo, uma fração do que foi propagado durante a quarentena nas redes reforçou a identidade do espectador fruitor de artes que respondem ao mercado internacional e a uma racionalidade hegemônica. O ensino universitário ou escolar não pode prescindir de artistas, obras, períodos, teorizações, museus, etc., mas deve fazer uma trama com a responsabilidade da educação na construção de experiências democráticas e humanas com a arte, que façam perceber o que nos coloniza.

De outra parte, a domesticidade e o cotidiano operaram como a potência do cruzo (RODRIGUES JUNIOR, 2018), permitindo a imaginação pedagógica praticar-se na encruzilhada. A movimentação metodológica reinventada diversifica as experiências com a arte e com a docência em arte (exercitada ou em formação) e nos predispõe a práticas de saber mais amplas que as narrativas dominantes. As comunidades improváveis que se formaram, tanto nas turmas remotas, quanto nos encontros que a virtualidade permitiu que ocorressem, criam

mundos e comunidades de saberes que têm condições de reposicionar alguns itens do ensino presencial.

O saber experiencial reunido em torno do ensino, artes visuais e formação docente em movimentos metodológicos, incentiva a reiniciar convivências no ensino em arte e na formação docente e abrir as ontologias de base. Entendemos que “Temos de aprender a escutar aqueles que falam desde outras formas de se aproximar da realidade” (LAFUENTE, 2020). Alunas e alunos, familiares, plantas, objetos, animais e espaços domésticos, com seus saberes experienciais e visões de mundo que contaminam, cruzam o ensino em artes visuais, podem permitir novas conversas, novas perguntas e raras comunidades. Daí finalizarmos compreendendo, primeiro, que ensinar na escola e na universidade durante a pandemia tem a ver com cuidado, com humanidade. Em segundo lugar, tem a ver com a abertura dos protocolos e das linguagens que conformam, colonizam e extinguem existências, modos de saber, modos de viver, ensinar e aprender. Em terceiro lugar, o ensino remoto indica que tais atitudes devem permanecer quando voltarmos a nos encontrar nas salas de aula.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **A Comunidade que vem**. Tradução de Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

APPEL, Janice Martins. **O jardim como laboratório para plataforma artista, transversal e permanente de colaboração com o meio**. Anais do 24º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, v. 1, p. 1, 2015. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s10/janice_appel.pdf>. 2020. Acesso em: 10 nov. 2020.

BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem**: educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CAPRA, Carmen Lúcia. Apresentação para o 4º Webinar Boas práticas em ensino remoto. In: **Núcleo de Educação a Distância NEAD Uergs**. 4º Webinar: Boas práticas em ensino remoto - Ciências Humanas - Licenciaturas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0muwQbLlAL0>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

_____. **Problematizações sobre políticas da arte na licenciatura em artes visuais**: é preciso gostar da arte de outro jeito, a licenciatura é uma praça. 2017. 283f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2017. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/174852>>. Acesso em 20 nov. 2020.

LAFUENTE, Antonio. **Elogio à Potência Cognitiva dos Cuidados**. Tradução de Simone Paz Hernández. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/descolonizacoes/elogio-a-potencia-cognitiva-dos-cuidados/>>. 2020. Acesso em: 28 ago. 2020.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **A pedagogia, a democracia, a escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais. 2000**. 248f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2000. Disponível em <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252932>>. Acesso em 20 nov. 2020.

RODRIGUES JUNIOR, Luiz Rufino. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Revista periferia - afrodiáspora e terreiros, v. 10, n. 1, jan./jun. 2018. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/31504/24540>>. Acesso em 10 nov. 2020.

_____. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Episódios 1 a 7. 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/channel/UCBOTNnH6aeYTx066-BZ2toA>>. Acesso em 20 ago. 2020.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a Linguagem – educar**. Tradução de Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.